

CC. GABINETAL
 Fonte: OESP
 Data: 4/2/96 P. D14
 Class. 412

LIVROS

Aventuras de um trapalhão inglês

Autor descreve viagem à Amazônia com grupo sem preparo e zomba de si próprio como explorador

CARLOS GRAIEB

A história sempre se repete como farsa, dizia o bom velho Karl Marx. E eis aí o recém-lançado *Uma Aventura no Brasil* para provar. Ele foi escrito pelo jornalista inglês Peter Fleming em 1933. O então jovem Fleming participou de uma expedição britânica de busca ao Coronel Fawcett, desaparecido anos antes na selva brasileira. O destino do coronel foi trágico, enquanto os ingleses estiveram mais próximos da comédia.

Os livros de aventura estavam em voga quando Fleming escreveu, mas desde o começo ele avisa que não está disposto a publicar mais um. Não há expedicionários garbosos com roupa de safári, nem carregadores devorados por onças, nem encontros com índios em pé de guerra. O livro traz um capítulo divertido satirizando os chavões daquele gênero literário, onde a água é "o precioso fluido" e os "selvagens" estão sempre nas imediações.

"Para falar a verdade, a maior parte dos terrores da selva no Brasil Central, quando examinados com atenção, sempre tinham um jeito de cair numa insignificância ridícula", anota Fleming. "Na estação seca, o Mato Grosso está mais para um local de veraneio do que para a Caverna do Homem Branco."

O humor de Fleming é irônico, bem british. Graças a isso, seu livro não é uma narrativa de eletrizantes peripécias, mas um testemunho bastante interessante a respeito do Brasil no começo da década de 30.

Fleming foi um observador imparcial. Fez pequenas descrições do Rio de Janeiro e São Paulo. Nesta última, ele e seus amigos chegaram na véspera da Revolução Constitucionalista de 1932. Não viu nada dela. "A respeito da guerra civil, não fiquei nem um pouco mais informado por ter estado no Brasil."

Em geral, o autor reserva certa simpatia para falar do País. Mas não dispensa algumas estocadas, aliás precisas. "O atraso no Brasil é um clima", escreve. "Deve, acredito, ser uma fonte de orgulho para os brasileiros o fato de possuírem uma característica nacional que é absolutamente impossível de se ignorar. (...) Um homem com pressa vai se sentir miserável no Brasil."

Também é bom nas descrições do interior. Seus relatos do contato com índios são surpreendentemente desprovidos de preconceitos, complacência e "exotismo". Idem para aquilo que diz de paisagens e animais (embora os bons moços da ecologia



Fawcett: expedição sequer chegou à região em que ele desapareceu

possam se irritar com o tratamento dado aos jacarés, que os expedicionários consideravam tediosos e nos quais atiravam sem cerimônia).

No que diz respeito a encontrar o Coronel Fawcett, porém, a aventura foi um total fracasso. Fleming e seus companheiros partiram da Inglaterra munidos de toda a informação disponível na época: os dados da expedição norte-americana de socorro liderada em 1928 por George Dyott, e que concluiu que Fawcett fora massacrado por índios nas cercanias do rio Culuene; um relato indígena independente, que confirmava essa tese; a história do suíço Stephan Rattin, dizendo ter encontrado um americano que tudo indicava ser Fawcett, prisioneiro entre índios hostis. Graças a uma organização desastrosa, porém, a expedição nem sequer conseguiu chegar à região em que Fawcett desapareceu.

Fleming conta como seu grupo subiu o rio Araguaia, depois o Tapirapé em direção ao Culuene, mas logo depois teve de parar. O autor é impiedoso com a falta de jeito e despreparo de seu grupo. Acompanhado por um brasileiro de nome Queiroz e por seu amigo Roger, Fleming descobriu um riozinho irrelevante e nenhum vestígio de Fawcett.

Pelo que viu e viveu, no entanto, o autor reuniu bons argumentos para defender a tese de que Fawcett foi mesmo morto por índios, no verão de 1925. Não há motivos para duvidar. Fleming zomba o tempo todo de suas habilidades de explorador, mas é um narrador confiável e não um fabulador.

Em 1951 os sertanistas brasileiros Cláudio e Orlando Villas Boas encontraram, com os índios calapalos, uma ossada de homem branco que acreditam ser de Fawcett. A família do Coronel (sobretudo seu filho, Brian, que também veio ao Brasil, em 1952) discorda e até hoje não permitiu que testes definitivos fossem feitos. Este ano uma nova expedição brasileira deve percorrer as trilhas de Fawcett em uma aventura ecológica. Entre os planos dos organizadores está o de levantar fundos para que a ossada dos Villas Boas seja submetida a exames de DNA, acabando de vez com o mistério. Enquanto isso não acontece, há até grupos esotéricos que acreditam que Fawcett ainda está vivo em algum lugar da selva mato-grossense. Ele teria mais de 130 anos hoje. Divertido imaginar o que o cético Peter Fleming diria sobre isso.

SERVIÇO

Uma Aventura no Brasil, de Peter Fleming, tradução de Lillian DePaula e Magno Dadomas, Editora Marco Zero, 285 páginas, R\$ 29,00